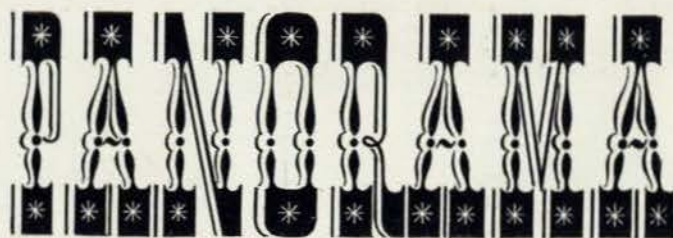


PANORAMA

numero 1 - ano 1 - 1941



REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO



Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL

JUNHO, 1941

N.º 1

VOLUME 1.º

Apresentação

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA **Pôrto de Lisboa**

Primavera — ...e não se fala das andorinhas

LUIZ TEIXEIRA **Os Campinos**

Campanha do Bom Gôsto

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS **Aveiro — Primeiras Impressões**

RUY CASANOVA **Exposição do Mundo Português**

Os Bailados Portugueses «Verde-Gaio»

«Paísagem e Monumentos de Portugal»

LUIZ REIS SANTOS **Exposição de Os Primitivos Portugueses**

AUGUSTO PINTO **Fábulas e Parábolas de Turismo**

«A Neve no País do Sol»

CASTRO SOROMENHO **Angola — Legenda da Paísesagem Africana**

Boletim de Turismo: — Iniciativas e Realizações, Roteiro do Vinho, etc.

CAPA DE BERNARDO MARQUES — MAPA DE ROBERTO DE ARAÚJO — DESENHOS DE CARLOS BOTELHO, OLAVO E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE MÁRIO NOVAES, ROGER KAHN, CESAR DE SÁ E HORÁCIO NOVAES

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA DA EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º — LISBOA

PREÇO: 2\$50



Aveiro

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

por José de Almada Negreiros

AVE... ave... Lá está! Lá está a ave ao centro das armas de Aveiro: Uma ave sobre céu verdadeiro. Fizeram bem em circundar a ave com o céu e os astros. Nada da terra e nada do mar. O ar e a luz, apenas. É de heráldica feliz. A linda e luminosa região de Aveiro, rica de terra e de mar, não pôde deixar de prestar, no seu próprio escudo, a sua melhor homenagem ao ar e à luz. É prova de gratidão perene. Achamos certo e justo. Os chailes das mulheres têm mais de ave do que pareências com qualquer coisa da terra ou do mar. Mais do que nada, foram, sem dúvida, o ar e a luz que fixaram Aveiro aqui neste largo de terra mesmo ladinho ao mar. O ar parece mesmo daqui de Aveiro, e a luz, essa, entornou-se aqui por cima, fora de tôda as regras de iluminação, esbanjadoramente, milagre do disparate de aprendiz que não estivesse prático em manejar as torneiras da luz. Autêntico milagre do sol não ter espírito de economia. Precisamente: mãos rôtas de luz!

Aveiro não tem fronteiras nem no mar, nem em terras nem no ar. As fronteiras do mundo não passam por aqui. Em tôdas as direcções, o horizonte ou o zénite estão no infinito. Não há

aqui possibilidade de obstar o além. Tôdas as alturas, incluída a aviação, serão infrutíferas para abrangermos com a atmosfera esta paisagem de mar e terra, ambos ao mesmo nível e metidos um pelo outro, com promiscuidade, sem os naturais limites da personalidade.

De modo que a mais extraordinária vista de Portugal não tem varanda para a vermos. Já Oliveira Martins mandou irmos vê-la dos montes de Angeja (9 quil.). Não estamos de acôrdo. É pouco. A única forma de podermos ter uma vaga idéia destas vastidões e de conhecermos as medidas próprias para sonhar devidamente este panorama, consiste em cruzarmos a região nas várias direcções com o mapa na cabeça. Escusado será dizer que este mapa não se encontra à venda, coincide com o oficial, mas é pessoal e intransmissível. E isto é tão verdade que estamos aqui no pedaço de Portugal onde há mais bicicletas. Mais bicicletas, sinónimo de plano, de raso. Por conseguinte, lealmente vos digo que o único sítio donde podereis ver com exactidão tôda a maravilha destas paragens de Aveiro está convosco mesmos, deixando subir livremente o sangue à imaginação. De



nenhuma outra forma diferente desta podereis, condignamente, corresponder à natureza.

Algumas das célebres aquarelas de Turner podiam ter por título Aveiro. Turner, sôbre uns centímetros de terra na tela punha-lhe quilômetros cúbicos de ar e nuvens iluminadas com aquela extravagância que a imaginação não supera. Como as côres mal lhe cabiam no fiozinho de terra, vá de estendê-las pelo ar e pelas nuvens com uma prodigalidade para muitos irreconhecível. Pois vinde a Aveiro: as côres que o ar e as nuvens usam aqui são uma homenagem permanente da natureza ao fantasista Turner. O pior é que a homenagem desbota Turner.

*

Há vários milhares de anos caíram aqui as célebres janelas do palácio do Céu. Ficaram intactas as vidraças nos respectivos caixilhos porque as janelas



caíram sôbre a relva verdinha, Hoje são as salinas.

*

Não é impunemente que o rio, aqui em Aveiro, muda de sexo e toma o feminino *ria*. Em Aveiro reina o feminino. O homem anda prô mar e noutros giros de homem e a casa é ao gôsto dela. E se bem que o gôsto dela seja para gôsto dêle, o cuidado é dela. Essa vocação de esperar e de guardar o sítio que têm as mulheres faz o perfil das gerações e das regiões. E aqui é tão evidente que a fisionomia de Aveiro é francamente feminina. Mas ao dizer *mulher* não completáramos o sentido se não lhe juntássemos *povo*. Não é questão de juntar palavras e pôr *mulher do povo*, não, é outra coisa:

Em tôda a parte acontece haver uma uniformização de tipos, apesar das raças diferentes que lá se cruzaram; e se há, de

facto, um tipo ao qual possamos chamar português, não é tanto com as feições que devemos contar, como com determinada expressão comum que nelas se inclua. Mais surpreendente que noutra parte, Aveiro dá-nos o tipo inconfundível da portuguesa. Ainda que qualificada pela região, lá está aquela determinada expressão comum a uniformizar os vários caracteres fisionómicos. Seja por que fôr, esta gente pronuncia bem o português, e sem denúncia da região, como acontece em tôdas as outras. Paramos a cada passo, não para escutar conversas mas para ouvir as vozes a falar. Para ouvir e para ver. Aquela expressão comum a nós todos lá está, com todo o seu invencível. A uniformização fêz-se. E é a tôda a amplitude desta uniformização que podemos devidamente chamar *povo*.

As mulheres de Aveiro são no seu conjunto (digo exactamente: *no seu conjunto*) o melhor tipo físico da portuguesa. A sua maneira de andar (que já a notou uma Rainha) é impressionante: uma graça antiquíssima vivida pelos nossos olhos dentro; a sua presença igual à que já tínhamos visto há séculos nas margens do Mediterrâneo; a sua feminilidade a um tempo sadia e delicada, isto é, bem meridional; tudo isto demasiado comum e evidente para que o não notemos. Simplesmente, neste firmamento humano as estrelas são tôdas da mesma grandeza. De vez em quando uma estrela cadente risca, instantaneamente, êste firmamento: é uma excepção que se escapa à uniformização. De modo que Aveiro, aqui ao meio de Portugal e o mais longe que se pode estar de qualquer fronteira com o estrangeiro, dá-nos a impressão, à qual não podemos fugir, de ser a nascente natural da semente portuguesa.

Lê-se perfeitamente em Aveiro, à luz prodigiosa dêste céu incrível, a verdadeira noção da palavra *povo*. êsse segredo sereno e longínquo, e que tem os vassallos da sua tirania sempre prontos para a ligação dos dias aos anos e aos séculos, quando haja e quando não haja cabeça.

